

Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP)  
Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação (FaBCI)  
Alexandre Ioannis Gikas

**Transformações: uma fábula?**

Desvendando o texto kafkiano de Caio Fernando Abreu

São Paulo  
2017

Alexandre Ioannis Gikas

**Transformações: uma fábula?**

Desvendando o texto kafkiano de Caio Fernando Abreu

Trabalho temático apresentado às disciplinas do 1º semestre do curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo como critério para aprovação.

São Paulo

2017

Alexandre Ioannis Gikas

**Transformações: uma fábula?**

Desvendando o texto kafkiano de Caio Fernando Abreu

Trabalho temático apresentado às disciplinas do 1º semestre do curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo como critério para aprovação.

11/06/2017

**Conceito:** \_\_\_\_\_

Profª. Ms. Daniele Cristina Gonçalves Brene Pires

Assinatura: \_\_\_\_\_

Profª. Esp. Maria das Mercês Pereira Apostolo

Assinatura: \_\_\_\_\_

Profª. Ms. Adriana Maria de Souza

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Ms. José Mário de Oliveira Mendes

Assinatura: \_\_\_\_\_

Profª. Drª. Carla Regina Mota Dieguez

Assinatura: \_\_\_\_\_

Profª. Esp. Maria Rosa Crespo

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Ivan Russeff

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Msc. Wanderson Scapechi

Assinatura: \_\_\_\_\_

Data da aprovação: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

## RESUMO

O conto "Transformações (uma fábula)" presente na obra "Morangos mofados", de Caio Fernando Abreu, apresenta uma inquietante personagem que vive em constante conflito entre quem realmente é e a máscara que usa. Através da estrutura narrativa e outros recursos literários empregados pelo autor, a história retrata as dificuldades sociais e a percepção de mundo desse protagonista. Com o intuito de entender por quê o autor define a história como uma fábula em seu título, este ensaio analisa primeiro a origem e os significados da palavra fábula em si, apoiando-se nos conceitos de fábula e mundos possíveis definidos por Umberto Eco em sua obra "Lector in fabula". Procura-se, então, entender melhor a estrutura narrativa empregada na ficção e neste conto específico de Caio F., assim como algumas de suas influências, ao ser traçado um paralelo entre seu conto e elementos da obra de Franz Kafka, escritor com o qual Caio mostra algumas semelhanças em seu tom pessimista e visão de mundo.

**Palavras-chave:** Fábula. Morangos mofados. Transformações (uma fábula). Caio Fernando Abreu. Franz Kafka.

## ABSTRACT

The short story "Transformações (uma fábula)", part of the work "Morangos mofados", by Caio Fernando Abreu, presents a disturbing character who lives in constant conflict between who he really is and the mask he wears. Through the narrative structure and other literary resources employed by the author, the story portrays the social difficulties and the protagonist's perception of the world. In order to understand why the author defines this story as a fable in its title, this essay first analyzes the origin and meanings of the word fable itself, relying on the concepts of fable and possible worlds defined by Umberto Eco in his work "Lector in fabula". It is sought, therefore, to better understand the narrative structure used in Caio's fiction and in this specific tale, as well as some of his influences, while a parallel is drawn between his tale and elements of the work of Franz Kafka, writer with whom Caio shows some similarities in his pessimistic tone and worldview.

**Keywords:** Fable. Morangos mofados. Transformações (uma fábula). Caio Fernando Abreu. Franz Kafka.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	07
2	O QUE É UMA FÁBULA? .....	07
2.1	DEFINIÇÕES: FÁBULA E MUNDOS POSSÍVEIS .....	09
3	A FICÇÃO DE CAIO FERNANDO ABREU .....	10
3.1	O CONTO "TRANSFORMAÇÕES (UMA FÁBULA)": UM TEXTO KAFKIANO .....	11
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	13
	REFERÊNCIAS .....	14

## **1 INTRODUÇÃO**

O conto "Transformações (uma fábula)" presente na obra "Morangos mofados", de Caio Fernando Abreu, apresenta um inquietante personagem que vive dividido entre quem ele realmente é e quem ele aparenta ser - sua máscara. Através da estrutura narrativa usada por Caio Fernando, assim como de diversas metáforas e seu estilo único e fragmentado, a história se desenrola retratando as dificuldades sociais do personagem e suas percepções quanto à existência de um mundo real e um mundo imaginário, próprio, no qual ele mesmo se fecha.

Ainda que seja uma história sobre o ser humano, por muitas vezes pessimista em relação ao futuro, o autor a coloca como uma fábula - comumente entendida como uma história protagonizada por animais e que ilustra um preceito moral.

O objetivo deste estudo é entender o que torna ou não este conto uma fábula, como colocado pelo autor em seu título. Para tanto, busca-se compreender o que é uma fábula e quais são seus significados e estrutura, tendo como base conceitos desenvolvidos por Umberto Eco em sua obra "Lector in fabula". Da mesma forma, procura-se entender a estrutura, características e influências do conto de Caio Fernando Abreu ao se traçar um paralelo entre seu texto e elementos da obra de Franz Kafka, autor com o qual Caio F. mostra semelhanças principalmente em sua visão de mundo.

Seguindo essa metodologia, espera-se desvendar o que torna ou não o conto em uma fábula e qual a possível intenção do autor ao utilizar o termo em seu título.

## **2 O QUE É UMA FÁBULA?**

Para entender o que torna o conto "Transformações" uma fábula, o primeiro passo é compreender o que significa a palavra em si. Antes mesmo de ser conhecida por esse nome, a fábula já existia e era popularmente difundida entre diversos povos desde a Antiguidade.

No que diz respeito à sua origem, a ideia de "ocultar um preceito útil sob o véu da alegoria e tornar mais sensível uma verdade moral, apoiando-a sobre uma ficção engenhosa" (STELLA, 1971, p. 175) é motivo de discórdia entre pesquisadores.

Alguns entendem a criação da fábula como algo universal, surgido ao mesmo tempo em diferentes povos e culturas sob diferentes condições. Dadas essas condições, nem todos os povos foram capazes de evoluir esse conceito ao nível de gênero literário - fosse por fatores intelectuais, de gosto ou cultura - como os gregos conseguiram (STELLA, 1971).

Ainda assim, existem desavenças quanto ao primeiro contato dos gregos com a fábula. Existem três vertentes, como colocado por Stella (1971, p. 177): a primeira afirma que os gregos receberam a fábula dos hindus; a segunda afirma o contrário e a terceira diz que ambos a teriam recebido de outra fonte ou povo em comum. Dessas, as duas primeiras se destacam e são colocadas em confronto entre os estudiosos.

A Índia surge nesse contexto, ainda de acordo com Stella, como um país que, entre suas crenças, atribui uma alma aos animais, semelhante à do homem. O indiano teria sido o primeiro a conferir aos animais aspectos humanos como pensamentos, atitudes e linguagem. Seria natural, então, que em tal cultura crescesse a semente do que viria a se tornar a fábula.

Enquanto na Grécia a fábula tornava-se uma forma de arte literária e reflexiva, na Índia era uma expressão popular e espontânea. Os gregos a desenvolveriam como uma narrativa, enquanto os hindus a tornariam em comédia, alegoria ou apólogo. O que reforça a origem da fábula pelos hindus, e não os gregos, seria o forte emprego da zoologia na formação dos mitos indianos. Percebe-se também que os animais frequentemente vistos nas fábulas, como leões, chacais, elefantes, macacos, tigres e crocodilos fazem parte do ecossistema indiano, e não do grego (STELLA, 1971).

A partir dos gregos, no entanto, viria o termo *μύθος* (mythos, o mito ou fábula) e, com os contos de Esopo, a fábula cresceria como gênero literário, sendo cunhado o termo *μύθος αἰσώπρος* (mitos de Esopo, em tradução livre), pelo qual a fábula também viria a ser conhecida.



## 2.1 DEFINIÇÕES: FÁBULA E MUNDOS POSSÍVEIS

A definição mais antiga, conhecida e difundida de fábula, como constatado, é a de uma história protagonizada por animais e que oculta um preceito moral, uma lição subentendida. Mas, ao longo dos séculos, novos significados lhe foram atribuídos. Diferentes dicionários nos entregam variadas definições, como as de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira:

**fábula.** [Do lat. *fabula*] **S. f.** **1.** Historieta de ficção, de cunho popular ou artístico. **2.** Narração breve, de caráter alegórico, em verso ou em prosa, destinada a ilustrar um preceito: *as fábulas de La Fontaine*. [Cf., nessas acepç., *apólogo*.] **3.** Mitologia, lenda: *os deuses da fábula*. **4.** Narração de coisas imaginárias; ficção: "Martius demonstrou que a história do Brasil seria *fábula* ou romance se lhe faltassem as bases da etnografia regional, e da etnografia geral" (E. Roquete-Pinto, *Seixos Rolados*, p. 257). **5.** V. *fabulação* (2). **6.** *Fig.* Assunto de crítica ou mofa. **7.** V. *enredo* (5). **8.** *Bras.* Quantia ou importância muito elevada; grande soma de dinheiro: *Gastou uma fábula com o carro*. [Tb. se diz, nesta acepç., *fábulas*, mas sem artigo.] (FERREIRA, 1999, p. 870, grifo do autor)

Houaiss (2001, p. 1297) ainda acrescenta a esses significados a existência dos "personagens animais que agem como seres humanos" e a condição de que a narração pode tratar de "fatos (imaginários ou não), no romance, na epopeia, no conto". Tais conceitos estão sintetizados, em parte, na definição do escritor Umberto Eco, em sua obra "Lector in fabula":

Fábula é o esquema fundamental da narração, a lógica das ações e a sintaxe das personagens, o curso de eventos ordenado temporalmente. Pode também não constituir uma sequência de ações humanas e pode referir-se a uma série de eventos que dizem respeito a objetos inanimados, ou também a idéias. (ECO, 2014, p. 85)

E, na tentativa de representar a estrutura de algumas fábulas, o autor constrói a noção de mundo possível:

Como tal, um mundo consiste em um conjunto de *indivíduos* dotados de *propriedades*. Visto que algumas dessas propriedades ou predicados são *ações*, um mundo possível pode ser visto também como um *curso de eventos*. Dado que este curso de eventos não é real, mas absolutamente possível, ele deve depender dos *comportamentos proposicionais* de alguém, que o afirma, nele acredita, com ele sonha, deseja-o, o prevê etc. [...] Além disso, alguns comparam um mundo possível [...] com um conjunto de proposições que não pode ser enriquecido sem torná-lo inconsistente. (ECO, 2014, p. 109, grifo do autor)

Para Eco (2014), dizer que um mundo possível equivale a um texto qualquer não significa dizer que necessariamente todos os textos tratam de mundos possíveis.

Uma obra de literatura histórica, documentada, vai se referir ao que chamamos de mundo "real". Ao contrário disso, quando é criado um mundo de contos de fadas, o autor adiciona a seu mundo narrativo um número limitado de indivíduos (humanos, animais, plantas, locais, construções e objetos) com um número também limitado de propriedades. Algumas propriedades dadas aos indivíduos são originárias do mundo "real" (um local, como uma floresta, continua sendo composto por árvores); outras propriedades existem somente naquele mundo (como animais capazes de falar).

As propriedades oriundas do mundo "real" não demandam uma explicação muito detalhada. Criada a personagem Chapeuzinho Vermelho, uma menina, não se faz necessário explicar que trata-se de um ser humano do sexo feminino e com duas pernas. Porém, ao focar no lobo, será especificado que ele "fala". Dessa forma, o mundo narrativo pega emprestadas propriedades do mundo "real" sem a necessidade de serem construídas exaustivamente desde o início e já reconhecíveis pelo leitor, ajudando-o a se situar nesse mundo. Tais propriedades são fundamentais ao se estabelecer um mundo alternativo, que dificilmente seria descrito sem essas referências. Assim, além do conceito previamente colocado quanto ao esquema fundamental da narração, pode ser dito que a fábula também é um mundo possível definido por seu autor (ECO, 2014).

### **3 A FICÇÃO DE CAIO FERNANDO ABREU**

Escrito em 1982, "Morangos mofados" reflete a experiência de seu autor durante o período da ditadura militar no Brasil e da crise da contracultura. Inseridos em cenários como estes, os personagens criados por Caio vivem em meio à repressão, constantemente frustrados e com temores em relação ao futuro. E essas experiências dos personagens são reforçadas pela estrutura narrativa empregada pelo autor. De acordo com Luana Teixeira Porto, em sua tese "Morangos mofados, de Caio Fernando Abreu: fragmentação, melancolia e crítica social",

A fragmentação formal das narrativas do escritor relaciona-se a um movimento de inquietação diante de experiências de desumanização e sofrimento do contexto social, e essa inquietação, percebida no plano estrutural dos contos e na postura do narrador, assinala um olhar melancólico que é resultante do desconforto vivenciado pelos personagens de *Morangos mofados* diante de situações de opressão, desolamento e repressão. (PORTO, 2005, p. 66, grifo do autor)

A postura do narrador, ora percebendo o leitor e interagindo com ele, ora indiferente a ele, impede uma leitura tranquila dos textos e induz o leitor à reflexão. O tom subjetivo e emotivo com o qual os contos são narrados foge da objetividade normalmente presente no discurso de um narrador convencional. O narrador, assim, intensifica o tom amargo e a desilusão que direcionam os personagens que, embora possam ter certa esperança quanto à chegada de dias melhores, sabem que uma mudança social com transformações nos valores, crenças e ideologias é difícil de acontecer (PORTO, 2005).

O uso desses recursos literários mostra como a narrativa de Caio F. é marcada por um estilo muito próprio e moderno. A obra "Morangos mofados" causa estranheza ao leitor acostumado com textos lineares, deixando para trás princípios tradicionais como temporalidade e causalidade. Cardoso (2007, p.10) afirma que a opção do autor por uma linguagem e estilo distintos do cânone literário mostram como ele rompe com as estruturas narrativas tradicionais e, assim, direcionam seu texto ao insólito. Para a autora, destaca-se na obra de Caio "[...] a habilidade do contista na criação de uma linguagem capaz de abrir espaço para a manifestação do estranhamento, fato que leva o homem a buscar o significado de sua existência no mundo" (CARDOSO, 2017, p.14).

### **3.1 O CONTO "TRANSFORMAÇÕES (UMA FÁBULA)": UM TEXTO KAFKIANO**

Assim como Kafka, Caio F. aproveitou-se do cotidiano e de seu contexto social e histórico no desenvolvimento de suas obras. Nos textos dos dois autores, tanto a metáfora quanto o papel diferenciado do narrador estão sempre presentes. Em Kafka o papel do narrador também é essencial, conforme ele constrói seu mundo. É através dele que o leitor vai tomar conhecimento concreto da alienação das coisas (KAFKA, 2011, p. 17). Esse narrador, denominado "insciente", não sabe nada, ou quase nada - tanto quanto seu personagem. E não oferece ajuda ao leitor, assim como o narrador no conto de Caio, que será abordado neste capítulo.

O conto escolhido como objeto desta análise trata de um personagem introspectivo e sem nome. Inquieto dentro de si, ele vive em conflito entre quem realmente é e quem aparenta ser. A frustração com a complexidade da vida moderna e a

experiência desnorteante de tentar se enquadrar socialmente são mostradas ao longo do texto, assim como a percepção que o personagem possui do mundo real e do mundo imaginário que cria e no qual se fecha.

O primeiro parágrafo do conto já demonstra diversos dos elementos tratados anteriormente, como o narrador que intensifica o tom pessimista e o personagem sem esperanças, com sentimento trágico em relação à própria existência:

Feito febre, baixava às vezes nele aquela sensação de que nada daria jamais certo, que todos os esforços seriam para sempre inúteis, e coisa nenhuma de alguma forma se modificaria. Mais que sensação, densa certeza viscosa impedindo qualquer movimento em direção à luz. E além da certeza, a premonição de um futuro onde não haveria o menor esboço de uma espécie qualquer não sabia se de esperança, fé, alegria, mas certamente qualquer coisa assim. (ABREU, 2016, p. 78)

Tais características kafkianas percorrem todo o conto. O personagem principal se vê em um mundo no qual todos parecem anestesiados, onde há estranhamento - mais um elemento kafkiano - nas relações amorosas e no contato com o outro. Ele avalia seu próprio modo de interagir socialmente e admite o uso de máscaras para esconder e proteger sua fragilidade (CARDOSO, 2017, p. 72).

Somente após dias, meses e anos o protagonista permite a aproximação de uma Outra Pessoa, que se tornará a catalisadora de uma transformação:

Ele olhou para o lado. Ao lado havia Outra Pessoa. A Outra Pessoa olhava-o com cuidadosos olhos castanhos. Os cuidadosos olhos castanhos eram mornos, levemente preocupados, um pouco expectantes. As transformações tinham se tornado tão aceleradas que, no primeiro momento, não soube dizer se a Outra Pessoa via a ele ou a Ela [...] Num segundo, teve certeza absoluta que se tinha desinvisibilizado. A Outra Pessoa olhava para uma coisa que não era uma coisa, era ele mesmo. Ele mesmo olhava para uma coisa que não era uma coisa, era Outra Pessoa. (ABREU, 2016, p. 82)

No instante em que permite essa ruptura e deixa as transformações ocorrerem, vem o momento de renovação: "Alguma coisa explodiu, partida em cacos. A partir de então tudo ficou mais complicado. E mais real." (ABREU, 2016, p. 82).

A falta de esperança e o pessimismo que percorrem o conto de Caio Fernando também são notados em um breve conto de Kafka, intitulado "Pequena fábula":

“Ah”, disse o rato, “o mundo torna-se a cada dia mais estreito. A princípio era tão vasto que me dava medo, eu continuava correndo e me sentia feliz com o fato de que finalmente via à distância, à direita e à esquerda, as paredes, mas essas longas paredes convergem tão depressa uma para a outra, que já estou no último quarto e lá no canto fica a ratoeira para a qual eu corro.” — “Você só precisa mudar de direção”, disse o gato e devorou-o. (KAFKA, 2011, p. 167)

Seguindo o mesmo tom, mas em um texto simples e linear, essa pequena narrativa mostra como o rato, que viveu sempre com medo, usa todos os seus esforços e mesmo assim chega a dois caminhos que só lhe permitem um resultado. Assim, apesar de ter duas escolhas, na verdade ele não tem nenhuma.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir das definições de "fábula" expostas e das análises de estruturas narrativas e do conto "Transformações (uma fábula)", de Caio Fernando Abreu, alguns paralelos podem ser traçados.

É evidente que o conceito de fábula como uma história protagonizada por animais não se aplica ao conto. A fábula como um esquema lógico e um curso de eventos ordenado temporalmente, sendo algo linear, se opõe à escrita fragmentada do autor de "Morangos mofados". Caio constrói o mundo de seu conto pautado no mundo "real", utilizando-se de metáforas que nem sempre são indicativos de um "mundo possível". Também não há a presença de um preceito moral, motivo pelo qual a "Pequena fábula" de Kafka não foi considerada fábula por alguns intérpretes.

A fábula, no conto "Transformações", distancia-se do fantástico, dos mundos possíveis, e toma características que tendem à ironia, ao absurdo, ao trágico - ao kafkiano.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. **Morangos mofados**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

CARDOSO, Ana Maria. **Sonho e transgressão em Caio Fernando Abreu: o entrelugar de cartas e contos**. 2007. 236 f. Tese - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/10785>>. Acesso em: 7 maio 2017.

ECO, Umberto. **Lector in fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (Ed.). **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

HOUAISS, Antonio (Ed.). **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001

KAFKA, Franz. **Essencial Franz Kafka**. Seleção, introdução, tradução e comentários de Modesto Carone. São Paulo: Penguin / Companhia das Letras, 2011.

PORTO, Luana Teixeira. **Morangos mofados, de Caio Fernando Abreu: fragmentação, melancolia e crítica social**. 2005. 162 f. Dissertação (Mestrado em Letras)-Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/4423>>. Acesso em: 4 jun. 2017.

STELLA, Jorge Bertolaso. A origem da fábula. **Revista de história**. São Paulo, v. 42, n. 85, p. 175-182, 1971. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/129590>>. Acesso em: 4 jun. 2017.